



OS SEQUENCIADORES AÍ/ENTÃO NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA: UM ESTUDO VARIACIONISTA

Aluiza Alves de Araújo (UECE)¹

aluizazinha@hotmail.com

Antonio Edson Alves da Silva (UECE)²

edson.alves@aluno.uece.br

Daniel Martins de Carvalho (UECE)³

dan.carvalho@aluno.uece.br

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar o uso dos sequenciadores AÍ e ENTÃO no falar popular de Fortaleza à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2001, 2008) em consonância com os trabalhos de Tavares (2012, 2016) e Santos e Freitag (2011). Nesta perspectiva, nossa amostra é composta por 36 informantes e foi extraída do banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPORFOR), organizado observando as variáveis sociais, como: faixa etária I, de 15 a 25 anos, faixa etária II, de 26 a 49 anos, e faixa etária III, a partir de 50 anos, bem como os sexos masculino e feminino, os níveis de escolaridade (0-4, 5-8 e 9-11), além da variável linguística denominada tópico discursivo. Nossos dados, submetidos ao programa Goldvarb X, registraram 4.240 ocorrências de sequenciadores, deste total, 3.471 (81,9%) foram de uso da variante AÍ, ao passo que 769 (18,1%) preferiram o utilizar o sequenciador ENTÃO. A partir dos dados, foi possível perceber, também, que a variante AÍ é a de menor prestígio social. Tal fato justifica a maior frequência de seu uso por falantes de menor escolaridade, do sexo masculino e mais velhos. Concernente à variável linguística, o tópico discursivo recordações apresenta maior frequência de uso da variante AÍ, por ser um tópico comum em conversas mais informais.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Sequenciadores aí/então. Falar popular. Fortaleza.

ABSTRACT: This work aims at analyzing the use of sequencers AÍ and ENTÃO in the popular talk of Fortaleza in light of the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2001, 2008) in keeping with the works of Tavares (2012, 2016) and Santos; Freitag, (2011). In this perspective, our sample is composed of 36 informants and was extracted from the database of the Norma Oral Project of the Popular Portuguese of Fortaleza (NORPORFOR), organized according to social variables, such as: age group I, 15 to 25 years old, age group II, aged 26 to 49 years, and age group III, from 50 years, as well as the male and female sexes, levels of schooling (0-4, 5-8 and 9-11), besides the linguistic variable denominated discursive topic. Our data, submitted to the Goldvarb X program, recorded 4,240 occurrences of sequencers; of this total, 3,471 (81.9%) were of use of variant AÍ, while

¹ Professora Doutora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará – PosLA/UECE, Pós-Doutoranda pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: aluizazinha@hotmail.com.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará – PosLA/UECE. E-mail: edson.alves@aluno.uece.br.

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará – PosLA/UECE. E-mail: dan.carvalho@aluno.uece.br.



769 (18.1%) preferred to use the sequencer ENTÃO. The data also revealed the stigmatized variant AÍ as the most used by older, male and less educated speakers. The discursive topic memories is also the linguistic variable which most frequently is related to AÍ, because this topic is very common in informal conversations.

KEYWORDS: Variationistic Sociolinguistics. Sequencers *aí/então*. Popular talk. Fortaleza.

1 Introdução

O presente artigo pretende analisar o uso dos sequenciadores AÍ e ENTÃO no falar popular de Fortaleza, considerando a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2001, 2008). Estudos anteriores sobre o fenômeno têm sido desenvolvidos por Tavares (2012, 2016), que tem pesquisado o fenômeno no falar de Florianópolis e Natal. Por sua vez, uma pesquisa realizada por Freitag (2011) buscou compreender o fenômeno em Itabaiana, no Sergipe. A partir de tais trabalhos, têm-se apontado tantos fatores sociais quanto fatores linguísticos como responsáveis por influenciarem na variação em tela.

Com base nesses estudos, bastante restritos a alguns contextos, e da inexistência de um trabalho sobre esse fenômeno em Fortaleza, percebemos ser necessário investigá-lo no âmbito da capital cearense. Considerando tal capital, dentre os sequenciadores existentes, têm-se o AÍ e o ENTÃO, que se alternam durante o uso dos falantes, dentro do mesmo contexto, como podemos notar a seguir:

- 1) nós perguntávamos a ele... onde ele tirava aquele dinheiro... e ele di/dizia que estava... Sócio com outro rapaz no lava jato... passou-se um tempo *então* a bomba explodiu... e:: ... a família soube... foi um impacto muito grande (NORPOFOR, inq. 22)
- 2) podem pegar essas coisas de vocês e irem embora *aí*:a gente foi embora... *aí* agora a gente está: indo para ficar lá em PENsão (NORPOFOR, inq. 23)

Assim, nesta pesquisa, buscaremos investigar como as variáveis sociais sexo, faixa etária e grau de escolaridade e a variável linguística tópico discursivo influenciam na ocorrência do fenômeno. A partir dessa premissa e considerando que a análise se dará no falar popular de Fortaleza, temos a hipótese de que o uso de AÍ se sobressairá dentre os nossos informantes. Além disso, esperamos que essa variante será mais utilizada pelos falantes do sexo masculino, por indivíduos mais jovens e que apresentem menor escolaridade. Pressupomos, também, que tópicos discursivos com traços mais



informais, como conversa casual, recordação e conversa sobre terceiros, ocorram mais com essa variante, assim como tópicos mais sérios, como religião, devem ocorrer mais com o uso da variante ENTÃO.

Esse trabalho é, portanto, constituído de 3 partes: revisão da literatura acerca do fenômeno, a metodologia empregada e a apresentação e discussão dos resultados, além desta introdução e das considerações finais. Sendo assim, a seguir, na primeira seção, serão apresentados e detalhados alguns dos estudos existentes sobre o fenômeno, alguns deles já citados anteriormente, tal como alguns conceitos da Sociolinguística Variacionista, relevantes para a presente pesquisa. Logo após, na segunda seção, serão apresentados o *corpus* selecionado e o recorte gerador da amostra analisada, bem como a ferramenta utilizada para as análises. Depois disso, na terceira seção, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos.

2 O fenômeno em estudo

No Brasil, os sequenciadores têm sido estudados majoritariamente por Tavares (2012, 2016), que tem desenvolvido pesquisas sobre o fenômeno em Santa Catarina, especificamente em Florianópolis, e no Rio Grande do Norte, mais precisamente em Natal, dando atenção maior a AÍ, DAÍ, E e ENTÃO, resultados de um processo de gramaticalização. Suas pesquisas têm mostrado que tanto fatores sociais como fatores linguísticos são relevantes para entender o uso dos sequenciadores por falantes brasileiros e mostram, também, que esse uso é bastante variável (TAVARES, 2016).

Inicialmente, é válido discutir, ainda que brevemente, a função dos sequenciadores. Eles são responsáveis por retomar uma informação anteriormente apresentada e, a partir de então, ligá-la à informação que virá em seguida, relacionando-as e dando sequenciamento e progressão de ideias. Segundo a autora,



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

(...) E, AÍ, DAÍ e ENTÃO articulam duas orações ou dois segmentos mais amplos do discurso em relação de continuidade e consonância, estabelecendo, portanto, uma ponte entre as porções do discurso por eles articuladas, no sentido em que a primeira serve de base para o que será dito na segunda. (TAVARES, 2012, p. 3)

Assim, percebemos que se trata de um fenômeno discursivo, ocorrendo a nível textual. Em um de seus estudos, mais precisamente, em 2012, Tavares nomeia esses marcadores como “conectores coordenativos”, não apresentando diferenças conceituais entre tal termo e “sequenciadores”, este último usado pela autora em estudos posteriores, o que nos faz concluir que se referem ao mesmo fenômeno, que auxilia na progressão textual e discursiva.

É salutar, a fim de melhor compreender o fenômeno, apresentar, também de modo breve, a gramaticalização, processo sofrido pelos sequenciadores aqui apontados, assim como por Tavares (2016). Segundo Santos (2008), a gramaticalização é um processo de mudança linguística em que determinado termo perde sua autonomia lexical e adquire o papel de elemento gramatical. Nas palavras da autora, “determinada palavra passa a ser usada como vocábulo gramatical, ou como afixo, no curso da evolução da língua. Ex.: o vocábulo *mente*, que era uma forma de substantivo latino *mens*, *mentis* tornou-se sufixo na língua portuguesa.” (SANTOS, 2008, p. 24).

Ainda segundo a pesquisadora, esse processo, a partir de análises diacrônicas e sincrônicas, nos permite compreender os processos de mudança sofridos por determinados itens de nossa língua, bem como compreender a sua origem. Segundo Santos (2008),

A interação e interdependência entre sincronia e diacronia é fundamental na percepção do processo de gramaticalização já que, além da observação das formas gramaticais como um fenômeno discursivo pragmático, primariamente sintático, cabe também investigar a etimologia dessas formas e os caminhos/trajetórias de mudança por que passam. (SANTOS, 2008, p.7)



Podemos prever, portanto, que esse processo, devido à busca pela compreensão da origem de termos, possa ser um fator a ajudar na compreensão do uso desses termos por determinados falantes.

No que se refere aos sequenciadores aqui analisados, Tavares, em seus trabalhos, explicita o processo de gramaticalização pelo qual passaram AÍ, DAÍ, E e ENTÃO. Relativo aos dois primeiros, Tavares (2012) afirma que sua origem é, provavelmente, brasileira e mais recente, enquanto os dois últimos passaram por um processo mais antigo, tendo ocorrido ainda em Portugal, como é possível vermos a seguir:

Oriundos de fontes adverbiais, E, AÍ, DAÍ e ENTÃO passaram por processos de gramaticalização dos quais resultaram seus usos como conectores coordenativos. E e ENTÃO atuam como conectores desde os primórdios da língua portuguesa (séculos XIII e XIV). Já AÍ e DAÍ tornaram-se conectores em épocas mais recentes e possivelmente apenas no português brasileiro. (TAVARES, 2012, p. 115)

A partir disso, podemos, então, entender que os usos de AÍ e DAÍ podem ser considerados como mais inovadores do que E e ENTÃO, dados os processos históricos que tais marcadores passaram.

Concernente aos fatores sociais favorecedores do fenômeno, dois estudos realizados por Tavares (2012, 2016) apontam que o grau de escolaridade e a faixa etária influenciam no uso de determinadas variantes dos sequenciadores, sendo a escolaridade o fator mais forte.

No primeiro estudo, Tavares (2012) pretende, além de buscar entender os fatores sociais, comparar as falas de Natal e Florianópolis. Tal comparação se dá para buscar padrões e generalizações no uso dos sequenciadores e, então, perceber o fenômeno de uma maneira mais holística. Segundo a autora,

Fazia-se, portanto, necessária a realização de estudos sobre o fenômeno em outras comunidades de fala para que fossem alcançadas explicações mais gerais e confiáveis, que pudessem ser candidatas a



universais de variação e mudança no âmbito da coordenação em relação de continuidade e consonância. (TAVARES, 2012, p. 9)

Para a análise, ela utilizou, como *corpus*, em Natal, o Banco de Dados da Fala de Natal - BDNF, que, na época, ainda estava em organização, e, em Florianópolis, o Variação Linguística na Região Sul do Brasil - VARSUL. Para cada *corpus*, foram selecionados catorze falantes, distribuídos entre quatro faixas etárias, dois graus de escolaridade e sexo, contendo um falante em cada célula, o que corresponde a uma amostra pouco representativa.

No que se refere à idade, percebeu-se que o uso de AÍ e DAÍ predomina nos falantes mais jovens, enquanto E e ENTÃO predominam entre os mais velhos. Especificamente, a variante E foi pouco utilizada por pré-adolescentes nas duas capitais, sendo mais utilizada, em Natal, por falantes a partir de 15 anos (53%, entre 15 e 21 e mais de 50 anos, e 37% entre 25 a 45 anos) e, em Florianópolis, por falantes com mais de 50 (46%). O contrário se observou com o AÍ, bastante utilizado por pré-adolescentes em Natal (71% e 0.675 de peso relativo), e por falantes entre 15 e 21 anos (36%), em Florianópolis. DAÍ, por sua vez, foi largamente usado por falantes de 9 a 11 anos de Florianópolis (78% e 0,941 de peso relativo), enquanto não foi produzido por nenhum indivíduo de Natal. Já o ENTÃO, por fim, é mais utilizado por falantes entre 25 e 45 anos (17%), em Natal, e por falantes com mais de 50 anos (39%), em Florianópolis.

Para Tavares (2012), isso se dá tendo em vista as relações sociais que rondam cada faixa etária, como as relações familiares e início da vida escolar comuns aos pré-adolescentes (9 a 11 anos), as relações de amizade e fim do Ensino Médio da segunda faixa (15 a 21 anos), as responsabilidades sociais, profissionais e familiares da vida adulta (25 a 45 anos), e “diminuição da força de trabalho e aposentadoria” (TAVARES, 2012, p. 11-12). Dessa forma, o uso de formas mais estigmatizadas pode se associar às faixas mais jovens, em que os falantes estão criando e fortalecendo suas relações sociais, bem como suas capacidades cognitivas, conjunto de fatores que influenciam no modo de falar. Do mesmo modo, os conjuntos de fatores típicos das faixas etárias mais



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

velhas, bem como as responsabilidades características dessa faixa favorecem o uso de formas mais conservadoras.

Vale salientar que, nesse trabalho, Tavares (2012) reconhece a necessidade de maiores investigações sobre o tópico, tendo em vista o baixo número de informantes utilizados na pesquisa. Dessa forma, em trabalho posterior, é feito um novo estudo, pela mesma pesquisadora, averiguando de forma delimitada o grau de escolaridade como fator aliado do uso de sequenciadores em, novamente, Natal e Florianópolis.

Nessa nova análise, Tavares (2016) faz a pesquisa a partir de 32 informantes, 16 em cada capital, distribuídos de forma equitativa entre sexo, duas faixas etárias (I - 25 a 45 anos; II - mais de 50 anos) e dois graus de escolaridade (Ensino Fundamental I completo, ou seja, quatro a cinco anos de escolarização, e Ensino Médio Completo, equivalente a 11 ou 12 anos de escolarização), havendo dois informantes por célula. Além disso, as variantes analisadas são AÍ, E e ENTÃO, tendo excluído o DAÍ, devido à inexistência de ocorrência dessa forma no falar natalense no estudo anterior. Além disso, mais uma vez, a pesquisadora pretendeu, com a comparação entre as capitais, compreender o fenômeno de modo mais universal.

Partindo da hipótese inicial de que o AÍ seja mais utilizado pelos falantes com o menor grau de escolaridade, que, no caso da pesquisa em questão, se refere aos falantes apenas com Ensino Fundamental I completo. A razão, apontada pela autora, consiste no fato de que AÍ é a variante portadora de estigma, alvo de repreensão na escola, enquanto que as outras variantes são neutras.

Para sustentar tal hipótese, a pesquisadora recorreu a um teste de atitude linguística, o qual revelou que os usuários associam AÍ a contextos de conversações informais, sofrendo represálias no contexto escolar e, portanto, justificando sua estigmatização. Por outro lado, as variantes E e ENTÃO são vistas pelos usuários da língua como formas que podem ser utilizadas em contextos tanto formais quanto informais, justificando seu papel neutro.



A fim de corroborar com o estigma escolar que caracteriza o AÍ, Tavares (2016) lança mão de depoimentos dados por alunos a respeito do uso dessa variante, como pode ser visto a seguir:

- 1) “Aí, esse conector é usado mais na linguagem informal então não ficaria bom de ver em critério de um professor detalhista.” (aluno do 9º ano do Ensino Fundamental 2, Natal, 2012) (Silva 2013: 79)
- 2) “Uma vez, quando eu estava na sexta série, falei 63 aí para contar a história do livro “Rainha das Neves” e o professor contou todos e depois me repreendeu.” (A., 17 anos, aluna do 3º ano do Ensino Médio, Florianópolis, 2002) (Tavares 2014: 384)

De fato, como apontado pela autora, a referida pesquisa confirmou as hipóteses iniciais; a variante AÍ, tanto em Natal, quanto em Florianópolis, foi favorecida pelos falantes com o Ensino Fundamental I, enquanto E e ENTÃO foram privilegiadas, de modo geral, pelos falantes com Ensino Médio. Mais especificamente, concernente à variante AÍ, os falantes com Ensino Fundamental I apresentaram pesos relativos favorecedores e similares nas duas capitais, sendo 0.62 em Natal, e 0.59 em Florianópolis. Com relação à variante E, os falantes com Ensino Médio completo apresentaram peso relativo de 0.54 nas duas capitais. Por fim, a variante ENTÃO foi mais beneficiada, em comparação com a variante E, pelos falantes mais escolarizados, tanto em Natal (0.61), quanto em Florianópolis (0.55), fato que, para a autora, pode indicar que “a escolarização continuada pode estar exercendo mais efeito sobre o aumento da taxa de uso de *então* em comparação com *e*.” (TAVARES, 2016, p. 123).

Com relação ao papel do sexo no uso de sequenciadores, Santos e Freitag (2011) realizaram uma análise, a fim de entender o quão esse fator social privilegia ou não o uso de ASSIM, AÍ, E e DEPOIS no falar de Itabaiana, no Sergipe, a partir de entrevistas - levantadas pelos próprios pesquisadores - realizadas com dez falantes, sendo cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Não são apresentadas informações sobre escolaridade ou idade dos entrevistados.

Segundo a pesquisa, das 712 ocorrências de sequenciadores levantados, AÍ apresenta 283 ocorrências (40%), seguido por E, com 211 ocorrências (29%), ASSIM, com 176 ocorrências (25%), e, por fim, com apenas 42 ocorrências (6%), ASSIM.



Referente ao sexo dos informantes, vale destacar a preferência das mulheres pelo uso do ASSIM, que corresponde a 144 ocorrências (30%), frente a 32 ocorrências (13%) dos homens. No mais, as mulheres usam mais o AÍ, com 194 ocorrências (40%), enquanto os homens utilizam mais o uso de E, com 107 ocorrências (43%).

Como não há investigação dos fatores sociais faixa etária e, principalmente, escolaridade, não é possível compreender com mais certeza, nessa comunidade, o papel do sexo feminino na utilização de variantes de mais ou menos prestígio, embora, especificamente, descreva o modo de falar dessa comunidade, como ressaltam os próprios autores: “Em suma, este estudo vem a confirmar o quanto os estudos sociolinguísticos são importantes para evidenciar as marcas identitárias presentes em cada comunidade, e mostrar que cada comunidade tem suas peculiaridades que a distingue das demais.” (SANTOS, FREITAG, 2011, p. 10).

Dessa forma, considerando os estudos de Tavares (2012, 2016), é possível perceber que as variantes AÍ e DAÍ são estigmatizadas, enquanto as variáveis E e ENTÃO possuem papel neutro. A partir dos dois trabalhos, a autora constatou que a faixa etária e a escolaridade – variáveis interligadas uma a outra – são importantes na escolha das variantes. O estudo de Santos e Freitag (2011), por outro lado, não analisa essas variáveis, indicando, por sua vez, que o sexo feminino possui a preferência por variantes não estigmatizadas.

3 Procedimentos Metodológicos

3.1 O Corpus e a amostra

O *corpus* escolhido para análise consiste no Projeto Norma Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Esse banco de dados foi formado no período de 2003 a 2006, tendo o objetivo de levantar dados do falar popular da capital cearense de modo estratificado, além de ter como base o projeto NURC.

O banco de dados é composto por 198 informantes, estratificados em sexo, faixa etária (I - 15 a 25 anos; II - 26 a 49 anos; III - a partir de 50 anos), grau de escolaridade



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

(A - 0 a 4 anos; B - 4 a 8 anos; C - 9 a 11 anos) e tipo de registro (Elocução Formal: EF; Diálogo entre Informante e Documentador: DID; e Diálogo entre Dois Informantes: D2). Referente aos informantes, segundo Araújo (2011), a fim de garantir um *corpus* bastante representativo do falar popular fortalezense, estabeleceram-se os seguintes requisitos: serem nascidos na capital cearense, ou tendo aqui chegado com a idade máxima de dois anos de idade; possuírem pais cearenses e residência fixa na capital e não terem se ausentado da cidade por mais de dois anos consecutivos.

A partir desse *corpus*, nossa amostra, constituída por 36 falantes, equitativamente distribuídos, foi montada, considerando as categorias sociais do banco de dados do NORPOFOR, resultando em 2 falantes por célula. Com relação ao tipo de registro, foi selecionado o DID, tendo em vista o grau de informalidade que esse tipo de inquérito permite, visto que o falante tende a se sentir mais à vontade, e considerando também o fato de que, nessa modalidade de entrevista, há menor sobreposição de vozes.

A tabela a seguir deixará mais clara a divisão dos falantes, considerando os fatores sociais sexo, faixa etária e grau de escolaridade:

Quadro 1 - Distribuição dos informantes em função das variáveis sociais controladas em nossa amostra

		Sexo					
		Masculino			Feminino		
Faixa Etária	Escolaridade	(0-4)	(5-8)	(9-11)	(0-4)	(5-8)	(9-11)
	15 a 25 anos	2	2	2	2	2	2
	26 a 49 anos	2	2	2	2	2	2
	a partir de 50 anos	2	2	2	2	2	2

Fonte: Adaptado de Araújo (2011)



3.2 Variáveis dependentes e independentes

A variável dependente, como já apresentada anteriormente, é constituída pelas variantes AÍ e ENTÃO, sendo, portanto, uma variável binária. Considerando os preceitos da Sociolinguística Variacionista, tais variantes ocorrem a partir de uma regularidade e sistemática de fatores que as favorecem, ou seja, o uso de uma dessas variantes, em detrimento da outra, “não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural” (MOLLICA, 2012, p. 11). Reafirmando nossa hipótese, esperamos que o uso do AÍ, tido como mais informal e estigmatizado, seja mais recorrente, visto que se trata de um *corpus* representativo do falar popular de uma capital brasileira.

Por sua vez, as variáveis independentes, neste trabalho, consistem em três grupos de fatores extralinguísticos, que compreendem a faixa etária, o sexo e a escolaridade, e em uma variável linguística, o tópico discursivo.

Referente à faixa etária, essa variável proporciona o estudo de fenômenos com base no tempo aparente, permitindo compreender como a mudança ocorre com base nas idades apontadas. Dessa forma, percebe-se qual grupo utiliza com maior frequência o fenômeno inovador, apresentado nesta pesquisa.

As faixas etárias estão estratificadas em grupo I: 15 a 25 anos, que tende a favorecer as variantes mais inovadoras; grupo II: 26 a 49 anos e, por fim, grupo III: a partir dos 50 anos, que tende a privilegiar as variantes mais conservadoras. É válido ressaltar que a idade deve ser analisada junto a outros fatores sociais, a fim de uma compreensão mais bem embasada da análise em questão.

A segunda variável independente, apontada nesta pesquisa, refere-se ao sexo dos informantes, tendo em vista que inúmeros trabalhos da sociolinguística variacionista apresentam que as escolhas vocabulares dos falantes estão relacionadas diretamente com o essa variável.

Conforme Costa (2007, p.8):



Alguns estudos, como, por exemplo, Fischer (1958, apud Paiva, 2004), constatam que as formas de prestígio tendem a predominar na fala feminina e que, na mudança lingüística em curso para implantação de uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança.

Além da variável sexo, sabe-se que a escola tem grande importância para o processo de socialização do ser humano, bem como a sistematização do conhecimento científico/formal, necessário para o modelo de sociedade em que se vive na contemporaneidade. Assim, percebe-se que há uma relação visível entre os níveis de escolaridade apresentados pelos informantes e a escolha das variantes analisadas.

Conforme estudos, há uma estigmatização imensa relacionada principalmente aos informantes com nível menor de escolaridade, sendo esses colocados como aqueles que mais contribuem para os fenômenos inovadores. Segundo Costa (2007 apud VOTRE, 2004, p. 9) “A forma estigmatizada é interpretada como inferior, em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva. Assim criam-se consensos quanto ao caráter estigmatizado dos usuários de framengo, pobrema e homi”.

O grau de escolaridade está indicado em grupo A: 0 a 4 anos, referente ao Ensino Fundamental I; grupo B: 4 a 8 anos, referente ao Ensino Fundamental II; e grupo C: 9 a 11 anos, correspondente aos anos do Ensino Médio.

Por fim, a última variável analisada, de natureza linguística, é o tópico discursivo, que pode ser entendido como o tema tratado em determinada parte do discurso. Nas palavras de Pinheiro (2006, p. 43), o conceito de tópico discursivo está “(...) associado ao “assunto”, tema que sintetiza um segmento discursivo.”

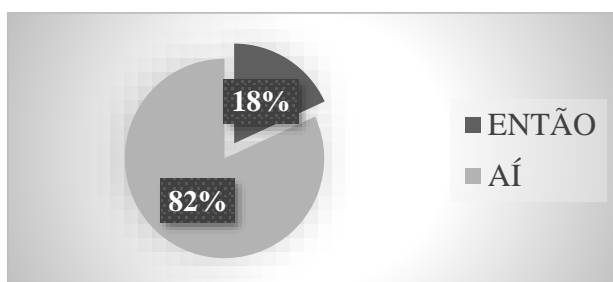
Investigar quais e como tópicos discursivos são interligados aos sequenciadores que os ligam pode ajudar a entender melhor a escolha feita pelos falantes. No presente trabalho, os tópicos discursivos analisados são conversas casuais, conversas relacionadas ao trabalho, conversas sobre relacionamento amoroso, observações irônicas/brincadeiras, conversa sobre terceiros, recordações, religião e repreensão.

Após o levantamento dos dados e das ocorrências, foi gerado um arquivo do tipo .tkn que, em seguida, foi submetido à análise pelo *software* Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), o qual gerou os resultados que se apresentam a seguir.

4 Apresentação e discussão dos resultados

A partir do levantamento dos dados, foram registradas 4240 ocorrências de sequenciadores. Desse total, 3471 ocorrências (81,9%) foram de usos da variante AÍ, ao passo que 769 (18,1%) foram oriundas de usos do ENTÃO. Tal estatística corrobora a hipótese inicial de que nossos informantes teriam mais preferência pela variante AÍ. Em seguida, o gráfico demonstra esse resultado inicial:

Gráfico 1: Frequência de uso das variantes analisadas



Fonte: elaborado pelos autores

Além do resultado da frequência de uso das variantes estudadas, a análise submetida ao GoldVarb X permitiu, também, investigar como cada fator, extralinguístico e linguístico, se comportou do ponto de vista de sua frequência. A seguir, é apresentada uma tabela que mostra os resultados obtidos para a variável sexo:



Tabela 1 – Frequência de uso das variantes ENTÃO e AÍ em função da variável sexo.

Sexo	ENTÃO		AÍ	
	Aplicação/Total	%	Apl/Total	%
Masculino	310/1856	16,7%	1546/1856	83,3%
Feminino	459/2384	19,3%	1925/2384	80,7%

Fonte: elaborada pelos autores

Como vemos na tabela 1, o sexo feminino usa um pouco mais a variante ENTÃO, considerando o seu percentual de 19,3%, já o sexo masculino, com 16,7%, utiliza menos esta variante. Já com relação à variante AÍ, percebe-se o contrário, os homens (83,3%) usam mais esta variante do que as mulheres (80,7%). Embora as diferenças de uso das duas variantes entre ambos os sexos sejam muito pequenas, ainda assim, esse resultado tende a confirmar as expectativas iniciais com relação a essa variável.

É notável perceber que, embora de forma tímida, essa análise corrobora com os resultados apresentados em Itabaiana, como visto no estudo de Santos e Freitag (2011). Além disso, como bem lembram Scherre e Yacovenco (2011), Labov lança mão do conceito do Paradoxo do Gênero, segundo o qual, conforme o autor, “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (LABOV, 2001, p. 293).

Tal paradoxo surge do fato de que falantes do sexo feminino tendem a reproduzir as variantes de prestígio quando existe a consciência linguística do fenômeno, ao passo que optam por variantes inovadoras quando essa consciência ainda não foi alcançada. No caso de nossa amostra, podemos assumir que isso acontece como indicativo da estigmatização gerada pela escola acerca da variante AÍ, como já mostrado por Tavares (2016), o que fez com que o sexo feminino privilegiasse o uso da variante tida como de prestígio ENTÃO.



No que diz respeito à escolaridade, também houve a confirmação da hipótese inicial, conforme pode ser visto na tabela 2:

Tabela 2 - Frequência de uso das variantes ENTÃO e AÍ em função da variável escolaridade

Escolaridade	ENTÃO		AÍ	
	Aplicação/Total	%	Apl/Total	%
0-4 anos	105/1349	7,8%	1244/1349	92,2%
5-8 anos	310/1503	20,6%	1193/1503	79,4%
9-11 anos	354/1388	25,5%	1034/1388	74,5%

Fonte: elaborada pelos autores

Na tabela acima, podemos destacar a preferência dos falantes menos escolarizados, com o destacado percentual de 92,2%, pela forma AÍ, sendo que os falantes mais escolarizados também fazem uso frequente desta variante, como mostram os percentuais de 79,4% e 74,5%. Já os falantes mais escolarizados, cerca de 25,5%, tendem a usar mais o ENTÃO, quando comparados ao uso dessa variante por falantes com grau de escolaridade menor.

Uma possível explicação para esse fato pode ser baseada novamente nos estudos de Tavares (2016), que, como já dito anteriormente, indicaram que a escola é um fator de estigmatização da variante AÍ, sendo, portanto, reprimida com o passar dos anos escolares do falante. É válido ressaltar o cruzamento de fatores apontado pela autora, para melhor compreensão do fenômeno, tendo em vista que a influência da variável faixa etária é afetada pelo condicionamento da variável escolaridade, como já debatido anteriormente.

Nesse sentido, pode-se explicar o fato de, no caso de Fortaleza, haver a refutação da hipótese inicial quanto ao comportamento da idade, como pode ser visto na tabela a seguir:



Tabela 3 - Frequência de uso das variantes ENTÃO e AÍ em função da variável faixa etária

Faixa etária	ENTÃO		AÍ	
	Aplicação/Total	%	Apl/Total	%
15 – 25 anos	282/1199	23,5%	917/1199	76,5%
26 – 49 anos	191/1369	14%	1178/1369	86%
a partir de 50 anos	296/1672	17,7%	1376/1672	82,3%

Fonte: elaborada pelos autores

A partir da tabela acima, percebe-se que, ao contrário do que se esperava e do que foi apresentado pelos estudos de Tavares, assim como de generalizações concluídas a partir de diversos estudos sociolinguísticos, no caso da capital cearense, falantes mais jovens (23,5%) tendem a preferir ENTÃO frente aos falantes de maior idade (14% - 26 a 49 anos; 17,7% - a partir de 50 anos). Vale mencionar que o número de falantes mais jovens que usam AÍ (76,5%) também é alto, porém, é menor do que os falantes mais velhos (82,3%).

Uma possível explicação para o fato é o uso do AÍ ser uma marca do falar popular de Fortaleza, como sugerido pela porcentagem geral apresentada anteriormente. Nesse caso, mesmo que os falantes mais jovens usem mais ENTÃO do que os demais falantes, ainda assim, o uso da variante AÍ por esses mesmos falantes é bastante significativo, o que indica fracas possibilidades de mudança.

Além disso, como já apresentado, a variável faixa etária deve ser considerada juntamente com outros fatores sociais. Neste caso, a escolarização pode ter grande parcela de influência. O uso de ENTÃO em menor grau por parte dos falantes mais velhos pode ser justificado pela baixa escolaridade que apresentam, assim como seu estrato social, que, conforme apresentado por Araújo (2011), é composto por informantes de classes sociais mais baixas. Em alguns inquéritos, foi possível perceber alguns relatos de abandono escolar, o que pode justificar falantes mais velhos que não tiveram acesso à educação e, portanto, à variante de prestígio ENTÃO.



Por fim, passando agora para a variável linguística, o tópico discursivo, seguem os resultados referentes a esse grupo de fatores na tabela 4:

Tabela 4 - Frequência de uso das variantes ENTÃO e AÍ em função da variável tópico discursivo.

Tópico discursivo	ENTÃO		AÍ	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Recordações	215/ 2121	10,1%	1906/ 2121	89,9%
Religião	5/21	23,8%	16/21	76,2%
Conversas casuais	318/1195	26,6%	877/ 1195	73,4%
Conversas relacionadas ao trabalho	178/ 667	26,7%	489/ 667	73,3%
Conversa sobre terceiros	37/ 182	20,3%	145/ 182	79,7%
Repreensão	16/53	30,2%	37/53	69,8%

Fonte: elaborada pelos autores

Como se pode perceber, a variante AÍ é bastante frequente em momentos da fala do informante que tratava de recordações, ou seja, lembranças (89,9%). Isso pode ser justificado pelo tipo de registro, que, no caso da presente pesquisa, como já dito, foi o DID. Tal registro permite uma maior informalidade, o que possibilita o falante a tratar de assuntos mais pessoais, a fim de se alcançar essa informalidade, fazendo com que recorram a narrativas de sua vida, favorecendo a sequenciação temporal e, portanto, o AÍ.

Com relação ao uso de ENTÃO, houve um maior favorecimento pelo tópico discursivo repreensão (30,2%). Uma possível explicação para isso reside no fato de, geralmente, tal tópico ser materializado através de sequências argumentativas, geralmente com grau de formalidade maior, que tende a favorecer o uso do ENTÃO.



Considerações finais

Com base nos resultados, percebe-se que a variante AÍ é a preferida como marcação de sequenciação no falar popular de Fortaleza, com 81,9% de ocorrências, conforme resultados obtidos através do Goldvarb X, preferência também manifestada nos estudos de Tavares (2012, 2016) e Santos e Freitag (2011). Mais do que isso, a alta porcentagem apresentada na capital cearense indica que o AÍ é uma marca típica do falar popular de Fortaleza.

Outro ponto que foi possível perceber é que o estigma da variante AÍ percebido pelos estudos de Tavares (2012, 2016) foi corroborado nas amostras analisadas. Nas análises deste trabalho, sexo, escolaridade e tópico discursivo foram as variáveis que mais evidenciaram tal estigmatização.

Com relação à variável sexo, ficou perceptível, como já esperado, que o sexo feminino usa mais o sequenciador ENTÃO, já os homens preferem mais a variante AÍ, embora os valores não destoem muito entre ambos os sexos. Como já discutido anteriormente, a explicação para esse fato é, muito provavelmente, o Paradoxo do Gênero, o qual indica a preferência do sexo feminino pela variável de prestígio, no nosso caso, o ENTÃO.

Já relacionada à escolaridade, os falantes menos escolarizados utilizam mais AÍ, diferentemente daqueles com maior escolaridade, que preferem ENTÃO. Mais uma vez, notamos que isso se dá pela estigmatização característica da variante AÍ, que, como já relatado por Tavares (2016), é reafirmada na escola.

Relacionada à idade, os informantes mais velhos possuem frequência de uso maior da variante AÍ, enquanto os mais jovens usam mais a variante ENTÃO. Embora tenha ocorrido quebra das nossas expectativas, entendemos que a relação forte entre faixa etária e escolaridade justifica em nossa amostra essa ocorrência, posto que os falantes mais novos estão em contato com as variantes prestigiadas na escola, enquanto os mais velhos já não têm mais esse contato.



Já concernente aos tópicos discursivos, o fator recordações apresenta maior frequência de uso para a variante AÍ, ao passo que o fator repreensão apresenta maior frequência de uso para a variante ENTÃO. A nosso ver, as sequências textuais presentes nos dois tópicos – sequência narrativa, em recordações, e sequência argumentativa, em repreensão – justifica o uso das variantes.

Por fim, é válido ressaltar que o presente trabalho não esgota o fenômeno, embora o tenha buscado elucidá-lo melhor. Esperamos que as variáveis linguísticas sejam mais contempladas em investigações futuras. Esperamos, também, que outros estudos sejam desenvolvidos em outras partes do país, a fim de se ter uma compreensão mais abrangente do uso dos sequenciadores AÍ/ENTÃO.

Referências

ARAÚJO, Aluiza Alves de. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v. XV, n. 5, t. 1. p. 835-845.

COSTA, Luciane Trennephol. Análise variacionista do rotacismo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007, p. 1-29. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_analise_variacionista_do_rotacismo.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018

FREITAG, Raquel Meister Ko.. O "social" da sociolinguística: o controle de fatores sociais. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**, [S.l.], v. 8, fev. 2017, p. 43-58. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7958>>. Acesso em: 19 Jun. 2018.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília. A relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p.27-31.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. O TÓPICO DISCURSIVO COMO CATEGORIA ANALÍTICA TEXTUAL-INTERATIVA. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 48, n. 1, ago. 2011. p. 43-51. Disponível em:



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637254>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

SANKOFF, Davi.; TAGLIAMONTE, Sale A; SMITH, Eric. **Goldvarb X: A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2018

SANTOS, Juliana. Carla; FREITAG, Raquel Meister Ko. Estratégias de sequenciação de informações na fala de Itabaiana/SE. **Scientia Plena**, Aracaju-SE, v. 7, n. 3, p.1-10, mar. 2011

SANTOS, Zélia Gonçalves dos. **A gramaticalização dos vocábulos “então” e “aí”**. 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, Curitiba-PR, v. 10, n. 3, 2011, p. 121-146, Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/32348>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

SILVA, Washintiane Patrícia Barbosa. **Conectores sequenciadores E e AÍ em contos e narrativas de experiência pessoal escritos por alunos de ensino fundamental: uma abordagem sociofuncionalista**, 2013. 120f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2013.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista**. Natal-RN: EDUFRRN, 2014.

_____. Maria Alice. Conectores coordenativos: condicionamentos sociais em duas comunidades de fala brasileiras. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro-RJ, v. 4, n. 1, mai. 2012, p. 1-23. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4409>>. Acesso em: 19 Jun. 2018.

_____. Maria Alice. Uma análise sociolinguística comparativa de conectores sequenciadores: foco na escolaridade. **Linguística**, Montevideo-UY, v. 32, n. 2, p. 113-128, nov. 2016. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2016000200008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 19 jun. 2018.

Recebido Para Publicação em 21 de maio de 2019.

Aprovado Para Publicação em 18 de julho de 2019.